

# TRABALHO DOCENTE EM EDUCAÇÃO FÍSICA E PRÁTICA SOCIAL: RELAÇÕES COM A CONCEPÇÃO DE TRABALHO CAPITALISTA\*

FÁTIMA MORAES GARCIA

Mestre em Ciência do Movimento Humano/UFSM  
Membro da Linha de Estudos e Pesquisa em Educação Física & Esporte e Lazer – Lepel/Faced/UFBA  
Professora efetiva da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia/Uesb  
E-mail: garciafat@bol.com.br

## RESUMO

*Este texto procura contribuir com o aprofundamento da reflexão sobre o trabalho docente em educação física, partindo da prática social que ele (re)produz. Portanto, ele busca trazer algumas questões e conclusões acerca da relação educação física/esportes e mundo do trabalho, visto o entendimento de que esta área de conhecimento está atrelada a uma condição histórica de suporte ideológico, eminentemente direcionada para a concepção hegemônica de sociedade, fazendo-se cumpridora dos interesses sociopolíticos de uma minoria dominante.*

*PALAVRAS-CHAVE: Trabalho docente; educação física; prática social.*

---

\* Este artigo corresponde a uma síntese do capítulo III, "Educação física e mundo do trabalho: relação com a prática social", apresentado na dissertação de mestrado Trabalho docente e atividade filosófica: das políticas estruturais à práxis transformadora, sob orientação do professor doutor Elenor Kunz/UFSC, defendida em julho/2000 no programa de pós-graduação em ciência do movimento humano/UFSM.

## I. INTRODUÇÃO

Educação física/esporte é um fenômeno que participa da (re)produção de conhecimento, da formação humana/educação, da escola, do mundo de vida de homens e mulheres trabalhadores? A educação física/esporte enquanto fenômeno sociopolítico confere também existência à (re)produção do modelo de sociedade vigente, na qual o trabalho docente cumpre um papel relevante, de legitimador desse modelo através de sua práxis?

Entendemos que estes questionamentos deveriam estar presentes em todas as áreas de conhecimento e ser tomados como contribuição interdisciplinar, mas neste texto trataremos dos “processos” e “produtos” pedagógicos da educação física e sua ligação com a prática social.

Adentraremos na questão da educação física a partir de um campo prático/objetivo que é comum a todas as áreas do campo educacional, o trabalho docente, na intenção de situá-lo através do contexto amplo de suas relações, ou seja, sociopolítico, visto que o histórico denota sua própria forma de manifestação, estando, portanto, somado a esta reflexão teórica.

Como identificamos na educação física e no esporte suas relações com a concepção de trabalho capitalista? Procuraremos em face dessa questão entender e situar o trabalho docente como uma das manifestações dessa relação, e para tal precisamos entender seu resultado enquanto prática social.

Pontuaremos aqui mais especificamente as contribuições de Silva (1996), sobre educação física e o mundo do trabalho e algumas abordagens críticas levantadas por Bracht (1992), nas quais discute a relação educação física e esportes como processo de socialização e ajustamento de seus praticantes à sociedade capitalista. Trazemos o estudo de Bracht (1992) para sustentar o quanto nossa ação enquanto “professores” pode ou não ser reprodutora de relações sociais, já o estudo de Silva (1996) é trazido para entendermos que a educação física faz parte de um viés ideológico que encampa a concepção de trabalho capitalista.

### 1.2. EDUCAÇÃO FÍSICA E MUNDO DO TRABALHO: QUAL PRÁTICA SOCIAL?

Dentre as abordagens de Silva (1996), encontra-se que as atividades que englobam a educação física, principalmente o esporte e o lazer, carregam consigo as mesmas características da sociedade moderna, estando vinculados ao desenvolvimento sempre crescente da produtividade, centrados em determinada perspectiva científica e tecnológica.

Silva explica que os principais pressupostos do mundo do trabalho tiveram fundamental importância na organização e na consolidação da educação física<sup>1</sup>. Devido a esses pressupostos, a educação física, inclusive a escolar, esteve historicamente vinculada à qualificação de mão-de-obra e a formação do trabalhador para a sustentação do *status quo*. Também a educação física foi dada como um instrumento eficaz de prevenção e de compensação dos problemas de saúde – causados pelas atividades desempenhadas no trabalho.

Desde o início do processo de industrialização no Brasil, a educação física e os esportes tiveram papéis decisivos na manutenção da saúde do trabalhador, objetivando impor certos hábitos de higiene que deveriam começar pelos estudantes e chegar às suas famílias.

Em relação às instituições escolares, Soares (apud Silva, 1996) salienta que todas as escolas que tinham a disciplina educação física possuíam objetivos em comum, como a regeneração da raça, a promoção da saúde e o desenvolvimento da vontade, da coragem, da força e da moral.

Em síntese, esses objetivos ligavam-se à manutenção de uma saúde pública de interesse da nova organização social, na qual a promoção da saúde era, principalmente, estimulada em decorrência do processo de industrialização, (primeiras décadas do século XX) que se iniciava nessa fase de desenvolvimento socioeconômico no Brasil. Outro aspecto ideológico embutido nesses objetivos voltava-se à defesa da pátria e a disciplinarização física e moral dos alunos, tão logo refletida na família e nas relações de produção do trabalhador.

Compartilhando da crítica sobre a intencionalidade da educação física em relação à classe trabalhadora, Silva (1996) confirma que as principais atividades que definem a condição humana e a educação física são o labor, o trabalho e a ação – atividades com significados oriundos do mundo do trabalho. De acordo com Silva, essas atividades tentam dar sustentação à própria vida e se enquadram no conceito dado por Marx à atividade do labor, ou seja, “consumo produtivo”, no qual “o objetivo destas atividades físicas e de lazer consideradas compensatórias e utilitárias, nada mais é do que manter o sistema produtivo funcionando” (p.96).

Nesse sentido, o trabalho definiu-se como atividade que foge a atender as necessidades orgânicas do homem; na verdade atende à produção de um “mundo artificial”, reafirma Silva, atendendo uma construção de coisas que não fazem parte da natureza humana. Analisando sobre esse aspecto, a educação física produz esse

---

1. Sendo tais pressupostos: instrumentalização, produtividade, valorização das categorias “meio” e “fim” e a redução de toda a atividade humana ao princípio da utilidade.

mundo artificial, por exemplo, quando a atividade exige a melhoria da performance física, principalmente no caso dos esportes de “alto nível” – que possuem, como sabemos, características semelhantes ao trabalho.

Atividades com essa perspectiva, ou seja, *performance*, rendimento, sobrepujança etc., obviamente não visam a atender às necessidades naturais do homem. Ao contrário, exigem condições físicas fora dos limites/capacidades humanas que somente com o uso de tecnologias e ciência conseguem, na maioria das vezes, os resultados pretendidos. Através dessas perspectivas, essas atividades manifestam os pressupostos mais cruéis que encontramos determinando o mundo do trabalho: são atividades descoladas da realidade humana e, portanto, artificiais. A educação física, e mais especificamente os esportes, nessa perspectiva, “visam a melhoria do rendimento corporal pautado pela exploração do corpo” (idem, p.97). Sustenta Silva que o esporte moderno pode ser considerado a expressão mais acentuada de produção de artificialismo.

Evidencia-se, portanto, que a base da prática social (re)produzida pela educação física/esportes tem ocorrido absolutamente dentro das normas e regras que regem o modelo de sociedade capitalista. A legitimação de sua prática tem se dado pelo cumprimento de tarefas subordinadas à vontade da classe dominante, salientando, segundo Bracht (1992), que a inclusão da educação física nos currículos escolares devem-se à promoção de socialização das crianças através das atividades. A problemática está é na concepção que permeia essa socialização.

Entendemos que o importante neste fato para esta reflexão crítica (de inclusão da educação física nos currículos e a socialização) volta-se a dois aspectos mais especificamente: em primeiro, à compreensão do significado de socialização e, em segundo, os elementos de socialização gerados pelas atividades esportivas.

Em relação aos elementos dessa socialização, Bracht (1992, p. 59) caracteriza-os pelas seguintes afirmações:

A criança através do esporte aprende que entre ela e o mundo existem “os outros”, que para a convivência social precisamos obedecer determinadas regras, ter determinado comportamento; aprendem as crianças, também, a conviver com vitórias e derrotas, aprendem a vencer através do esforço pessoal; desenvolvem através do esporte a independência e a confiança em si mesmos, os sentidos de responsabilidade, etc.

Todas essas afirmações têm em comum para o autor o fato de identificarem um papel positivo-funcional para o esporte no processo educativo, reconhecendo assim a educação física e os esportes como instituições autônomas, isoladas e funcionais, por colaborarem para a funcionabilidade e “harmonia” da sociedade na qual se inserem.

Apesar de as afirmações anteriores terem o objetivo de justificar o processo de socialização através do esporte, Bracht indica que este produz um sentido contrário àquilo que se pretende socializador, ou seja, de não socialização.

Cabe, agora, retomar a questão referente ao significado de socialização: *como e para que* é concebida a “socialização” promovida pelas atividades através das afirmações colocadas anteriormente? Podemos sugerir a seguinte resposta: percebe-se que o fator ideológico se deixa transparecer nas afirmações – caracterizando o significado de socialização – e no motivo da inclusão da educação física nos currículos exposto por Bracht; também percebemos a manifestação da alienação e reprodução por parte dos professores e da própria escola dos modelos de socialização – concebidos pelas relações sociais dominantes – no momento em que aceitam os elementos de socialização das atividades esportivas como *positivos e úteis* aos alunos, colaborando portanto para a manutenção da concepção de trabalho capitalista.

Como justifica Bracht, o que existe na verdade é uma não socialização promovida pelas atividades esportivas (de acordo com o significado ideológico/dominante de socialização). Esse autor confirma sua posição acrescentando outras afirmações que denotam a não socialização, as quais são:

- pelas regras das competições, o esporte imprime no comportamento as normas desejadas da competição e da concorrência;
- as condições do esporte organizado ou do rendimento são simultaneamente as condições de uma sociedade de estruturação autoritária;
- o ensino dos esportes nas escolas enfatiza o respeito incondicional e irrefletido às regras e dá a estas um caráter estático e inquestionável, forjando um “conformista feliz e eficiente”;
- o aprender as regras significa reconhecer e aceitar regras prefixadas.

São afirmações como estas que passam a caracterizar e demonstrar o encadeamento ideológico da educação física/esportes com a concepção moderna do trabalho, pois a socialização, numa acepção acrítica, como foi levantada e questionada por Bracht, nada mais é que adaptação e ajustamento (ou através de outra expressão: “assalto às consciências e amoldamento subjetivo”, como tem se referido Taffarel (1999)<sup>2</sup>, de crianças e jovens a um modelo de relações sociais, no qual boa parte dessa tarefa é cumprida pelas instituições educacionais.

---

2. C. N. Z. TAFFAREL, A formação profissional e as diretrizes curriculares do Programa Nacional de Graduação: o assalto às consciências e o amoldamento subjetivo. XI Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte, *Anais...* 20 (1), set. 1999.

Como conseqüência, essa socialização reproduz, numa verdade sem máscaras, as desigualdades sociais, como bem coloca Bracht: “é a própria dominação se processando”.

Foi abordado, em outro capítulo da dissertação<sup>3</sup>, através da crítica marxista, que a divisão do trabalho capitalista representa-se pela separação entre trabalho manual e trabalho intelectual, característica facilmente identificável na maioria das atividades da educação física e esportes, em que, em especial, identificamos o esporte moderno visto o alto grau de *racionalização* e *especificidade* que apresenta, levando seus praticantes a uma elevada fragmentação em seus aspectos físico e intelectual; o físico absorveu uma extremada importância em detrimento do intelectual.

Ao falarmos da semelhança existente entre a organização social do trabalho e a educação física/esportes, estas são identificadas ao compararmos como funcionam a estruturação e a organização administrativa de uma empresa com a de um clube esportivo, ou até mesmo de uma escola.

Silva (1996) apresenta, em seus estudos, *como e por que* os pressupostos da divisão social do trabalho – da organização empresarial – são os mesmos encontrados nas diferentes modalidades esportivas, apontando que esta identidade provoca a universalização de tais modalidades, levando-as a um sistema de determinadas “necessidades” sociais e reduzindo significativamente as possibilidades de intervenção dos indivíduos (atletas ou não) no contexto dessas modalidades/atividades.

### 1.3. EDUCAÇÃO FÍSICA E TRABALHO DOCENTE: CIÊNCIA E HEGEMONIA

Ao trazermos as abordagens e críticas feitas por Silva (1996) e Bracht (1992) à concepção hegemônica de educação física/esportes e sua prática social, percebemos que são assuntos merecedores de inúmeros estudos, análises e provocações no sentido de trazer para esta reflexão crítica, principalmente, os professores de educação física que se encontram subsumidos pelo cunho ideológico e ao mesmo tempo alienante (re)produzido pelas circunstâncias sociopolíticas originárias e fomentadas pelas relações de poder dominantes.

Faz-se necessário, sim, entendermos para que tem sido utilizados a educação física e o esporte, quais valores sociais possuem e por que simplesmente abraçamos uma pseudoneutralidade ante as produções de conhecimento e/ou atuação profissional. Por isso, devemos nos perguntar: o trabalho docente na educação física

---

3. Capítulo I – “Divisão do trabalho manual e intelectual como essência da vida capitalista” (p. 36).

tem contribuído para a negação da concepção de atividade humana/trabalho crítica e emancipatória?

Para respondermos a esta questão, podemos discorrer sobre vários aspectos ligados à educação física, dentre estes trataremos especificamente do direcionamento histórico que esta área tem absorvido em suas produções de conhecimento, as quais também vão nos ajudar a responder se a educação física tem contribuído ou não para uma formação humana crítica e emancipatória<sup>4</sup>.

Tomamos conhecimento através de Souza e Silva (1997) que as produções de conhecimento na educação física predominam no campo empírico-analítico, vertente que, como sabemos, encontra-se historicamente atrelada às ciências positivistas, as quais por sua vez encontram-se articuladas a uma visão de mundo sustentada pela neutralidade e naturalidade científica. Vale ressaltar, no entanto, que esta predominância não ocorre por acaso, mas por uma tendência ideológica que absorveu a educação física e os esportes no Brasil, praticamente desde o momento que estes começaram a fazer parte do contexto deste país, há mais de um século<sup>5</sup>.

A tendência que estamos falando vê a educação física/esporte como meio de desvirtuar a atenção do povo brasileiro daquilo que poderia levá-los a perceber criticamente o contexto político-social que se enraizava em nosso país, cada vez mais, com o início do processo de industrialização, nas primeiras décadas do século XX, e ao mesmo tempo instrumentalizá-los para o trabalho<sup>6</sup>.

Este processo, como sabemos, vinculava-se ao fortalecimento das relações de produção capitalistas de países estrangeiros, em destaque os Estados Unidos, com o Brasil. Para tanto, a educação em nosso país iniciava-se na dura tarefa de processar *mentes* e *corpos* para o trabalho industrial e fabril, assim como para a proteção de sua pátria.

No início do século XX, por volta da segunda década, surgem os primeiros cursos de formação profissional de educação física no Brasil. Mais especificamente temos conhecimento do curso provisório desenvolvido pelo Centro Militar em 1929 (Rio de Janeiro), mais adiante, na década de 1930, foram implantados outros cursos visando a essa formação, inclusive em nível superior (Melo, 1995). Mais tarde, na década de 1970, começam a ser aprovados os cursos de pós-graduação.

---

4. O conceito "formação crítica e emancipatória" vem sendo formulado ao longo dos tempos e situa-se entre um dos principais conceitos da perspectiva histórico-crítica da educação.

5. Ver Marinho (1952-1953) e Melo (1995).

6. Os estudos de Ghiraldelli (1994) nos ajudam a entender a contribuição das tendências higienista e militarista de educação física para esse processo histórico.

Os cursos de pós-graduação reproduzem raízes históricas, ou seja, surgem respaldados pela concepção positivista de ciência. As pesquisas em educação física oriundas desses cursos de pós-graduação, como acrescenta Souza (1999), vinculam-se ao desenvolvimento de conhecimentos em *medicina esportiva, fisiologia, cineantropometria etc.*, estruturados em métodos de observação, experimentação e comparação, quer dizer, métodos que compõem a matriz empírico-analítica.

Podemos dizer que as produções de conhecimento em educação física espelharam nesse período (década de 1970) aquilo que correspondia à ideologia dominante. Como exemplo: o próprio governo usava os esportes de alto rendimento, como o futebol, para ofuscar a visão de seu povo sobre as políticas “trabalhistas” e “nacionalistas” que promovia em nome do desenvolvimento econômico através da colagem de modelos norte-americanos e europeus.

Em relação à inserção dos cursos de pós-graduação em educação física no Brasil, com total apoio governamental, estes se sustentaram através de iniciativas que englobavam várias diretrizes objetivando o desenvolvimento da pesquisa na respectiva área<sup>7</sup>.

Salienta Souza (1999) que “o objetivo consistia em assegurar o sucesso do sistema esportivo, uma vez que pesquisa em Educação Física e esporte coincidiam simultaneamente” (p. 62).

Partindo dessas iniciativas, tivemos a educação física inserida na produção ideológica de conhecimentos, marcada pela concepção positivista de ciência, compartilhando dos interesses dos grupos/classe dominantes. Este quadro teve alterações tímidas porém significativas no decorrer das últimas duas décadas; devemos reconhecer que as alterações sofridas são frutos da década de 1980, quando a educação física predominantemente no meio acadêmico começou a apontar indícios de uma crise em suas concepções, em seu papel social, em sua identidade etc. Crise que gerou discussões, reflexões e produções teóricas de cunho crítico, as quais mexeram com estruturas epistemológicas e ideológicas da educação física<sup>8</sup>. Ghirdelli (1994) afirma ainda que as discussões geradas nesse período (década de

---

7. Estas diretrizes são apontadas por Bracht (apud Souza, 1999):

- Envio de grande número de professores para cursar pós-graduação no exterior, principalmente aos Estados Unidos;
- Convênios e intercâmbios com centros de pesquisa no exterior – a exemplo a Escola Superior de Colônia da Alemanha;
- Criação e implantação de cursos de pós-graduação na área da educação física/ciências do esporte;
- Implantação de laboratórios de pesquisa, em especial de fisiologia do esforço e cineantropometria, em centros universitários, como é o caso da UFRJ e UFRGS.

8. Esta discussão encontra-se em Souza (Cap. II, 1999).



1980) foram decorrentes de uma “discussão maior que envolveu o país a partir do abrandamento do sistema repressivo instaurado pela Ditadura Militar, situação essa que se verificou com maior velocidade e ênfase após a Anistia e, principalmente, após as eleições aos governos dos estados em 1982” (p. 15).

Os estudos suscitados nesse período detiveram-se basicamente na constatação do desenvolvimento das produções de conhecimento voltado às subáreas da educação física, procurando dar respostas à crise deflagrada. Identificamos a década de 80 como marco do início de uma crise epistemológica e sociopolítica da educação física, situada por diferenças pontuais de Projeto Histórico de Sociedade.

Na década de 90, ao nosso entendimento, os estudos investigativos dão um salto qualitativo quando avançam de forma mais consistente para o campo epistemológico, por serem estudos que, fundamentados em bases filosóficas, tecem críticas à reprodução de valores, questões éticas, conceituais e paradigmáticas manifestadas pela educação física/esportes, por traduzirem e fortalecerem interesses da classe hegemônica no Brasil.

A educação física/esportes na atualidade encontra-se inserida nessa crise? Nossa resposta é afirmativa, porque ações práticas e produções de conhecimento crítico e de busca pela transformação social ainda se fazem necessárias no campo da Educação Física, com o objetivo de contribuir no confronto e superação das relações perversas [re]produzidas pela essência capitalista. Souza e Silva (1997) retrata este fato histórico ao fazer um mapeamento das produções de conhecimento na área da educação física/esportes e sua relação com os paradigmas de ciência<sup>9</sup>, deflagrando por dentro da educação física a luta de classes e a disputa político-ideológica decorrente de visões antagônicas.

A predominância do caráter positivista nas produções de conhecimento na educação física/esportes explicita as contradições inerentes à sociedade capitalista, por exemplo ao deterem-se em questões específicas como: aptidão física e saúde, manutenção do “*bem-estar social*”<sup>10</sup> ou ainda como válvula de escape para os problemas de ordem física decorrentes das relações de produção vigente (estresse, fadiga, excesso de trabalho, problemas posturais, psíquicos etc.), não priorizando a busca do conhecimento das causas que provocam esses problemas e sua superação.

Não queremos dizer que a educação física/esporte não contemple em suas pesquisas temas e problemas de ordem física/orgânica do ser humano. Sabemos,

---

9 Souza e Silva (1997) conclui que a vertente empírico-analítica ainda se faz dominante na área de Educação Física, com 62,22%. Em menor proporção encontram-se as produções estruturadas nas vertentes fenomenológicas/hermenêuticas (33,18%) e na crítico-dialética (12,16%).

10 Referente à idéia do *welfare state*, que identificamos como um dos cânones do neoliberalismo.

porém, que a questão que fica obscurecida nessas pesquisas (as quais em sua maioria vinculam-se à vertente empírico-analítica) são suas não atribuições aos problemas de caráter social, político, cultural etc., provocados pelas relações de produção capitalista sobre a maioria da população do planeta terra. Visto que, como já sabemos, são essas relações que determinam a subjetividade e a objetividade de homens e mulheres, criando nestes inúmeros problemas de toda ordem, não só os referentes à saúde. Fora, obviamente, as questões ideológicas e econômicas que permeiam nestas pesquisas, como exemplo: maior rendimento físico de atletas para aumentar seus índices em competições e a mercadorização dos esportes e do estereótipo do corpo humano.

Com estes dados não nos resta outra afirmação senão a de que a educação física e os esportes são elitizantes e têm servido para os propósitos de manutenção e reprodução do projeto histórico capitalista<sup>11</sup>.

Assim, quando perguntamos: o trabalho docente, independente de ser materializado na escola, no clube, na universidade,..., "é" ou "não" subordinado aos interesses da classe dominante?<sup>12</sup>. Entendemos que encontramos respostas a esta questão nos resultados da pesquisa de Souza e Silva (1997) quando ali é comprovado que as produções de conhecimento da educação física, em sua maioria, ainda se encontram fortemente atreladas à concepção hegemônica de sociedade.

#### 1.4. CONCLUSÃO: MAS O PROCESSO DO CONHECER CONTINUA...

No sentido de reafirmarmos o que vem sendo abordado, buscando, porém, definir momentaneamente as questões colocadas, reportamo-nos, a Palafox (Palafox et al., 1997)<sup>13</sup> que diz:

11. Estas questões têm sido amplamente discutidas por alguns professores/pesquisadores da educação física/esportes. Temos de admitir que se trata de uma realidade em nossa área, a qual foi empiricamente comprovada por Souza e Silva (1997), discutida no âmbito da racionalidade por Souza (1999), e recentemente sobre a (re)produção da cultura e a subcultura por Ávila (2000). Estas são produções teóricas, entre outras, que têm nos *avisado* e *denunciado* para que têm servido a educação física e os esportes.
12. Como pergunta científica, decorrente da presente reflexão, na continuidade dos estudos (dissertação), nos indagamos como se caracteriza, na atualidade, a relação entre trabalho docente e mundo do trabalho capitalista? Quais as contradições, antagonismos e antinomias desta relação, reconhecidos em diferentes campos de intervenção profissional.
13. Artigo apresentado na revista *Educação Física/UEM*, 1997. Neste estudo, os autores procuram identificar o sentido e o significado ontológico da educação física com a finalidade de descrever como ocorre essa manifestação de forma objetiva e subjetiva na realidade social.

Na Educação Física/Espportes (assim como em outras práticas educacionais), o conhecimento produzido, explícita ou implicitamente, sustenta visões de homem, mundo, sociedade, assim como diversas formas de interação humana e papéis sociais que refletem uma forma de organização sócio-político-econômica (p. 5).

Então, se não buscarmos entender como se manifesta a educação física/esportes na realidade concreta, não poderemos responder para que serve essa área de conhecimento, qual seu valor social e menos ainda por que enquanto professores, em nosso trabalho, assumimos o seu caráter hegemônico.

Com certeza, a necessidade de entender a educação física/esportes em sua prática social é a preocupação de vários autores desta área, devido ser este um fenômeno que pode representar o caminho para a negação da prática alienada e ideológica reproduzida pelo trabalho que materializamos, assim como apontar caminhos para construirmos uma nova prática social. Ao defendermos o caminho de uma nova prática social, cabe, porém, revermos a seguinte advertência de Palafox: (Palafox et al., 1997).

Em qualquer esfera de trabalho onde o professor de Educação Física/Espportes exerça sua profissão, este não pode ser simplesmente considerado um agente pedagógico ou instrumento didático de animação social. Na verdade, em todos os casos em que se manifesta essa prática social, o professor é um agente político-pedagógico que, em teoria, deveria apresentar bases filosóficas e científicas suficientes para poder "dar conta", além de seu fazer restrito (aula), das ações concretas para compreender a dinâmica social – onde desenvolve sua ação profissional – a fim de defender, conscientemente, seu projeto de educação e sociedade (idem, ibidem).

Salienta Palafox que o professor deve compreender (enquanto profissional e cidadão) como se constrói historicamente para situar-se no mundo. Para esta compreensão, não pode o professor estar descolado do conhecimento e da prática social dos quais também é responsável; ao não se compreender a partir destes elementos "dificilmente poderá tomar consciência sobre o porquê determinadas 'coisas' ou fenômenos acontecem em sua área de atuação e, muito menos, será capaz de propor alternativas para transformar sua realidade de trabalho com base num projeto de sociedade mais humana e democrática" (idem, p. 5).

Assim, diante do que foi apresentado neste texto, não há como negarmos que a educação física/esportes, historicamente, vem fazendo parte de um espaço cultural e educacional no qual se propaga e se reproduz uma atividade humana fortemente atrelada à cultura corporal necessária às relações de produção capitalista. Em decorrência dos fatos apresentados, não há como negarmos que o professor de educação física possui um relevante papel no cumprimento dessa tarefa.

Justificamos, portanto, a necessidade de buscarmos a superação do quadro constatado por Sousa e Silva (1997) e a necessidade de contemplarmos e valorizarmos a vertente crítico-dialética em nossas produções de conhecimento, visto que através desta podemos correlacionar a história do desenvolvimento político e econômico da sociedade moderna com o contexto em que surgiu e se desenvolveu a força de trabalho como elemento principal da produção capitalista, sem esquecermos a não opção de rumos que esta organização social tem dado à classe trabalhadora.

Além de reconhecermos a importância de entendermos a história do “desenvolvimento” social e seus modos de organização, acreditamos que necessitamos desse conhecimento para entendermos que o mundo se dá em torno da dialética, da qual a educação física/esportes e sua gama de conhecimentos/saberes fazem parte e são responsáveis também pela produção de consciências<sup>14</sup>.

A educação física e os seus conteúdos tornam-se um espaço importantíssimo, não só na escola, mas em qualquer contexto, para a reflexão crítica sobre o trabalho/atividade humana como produto e produtor de formas de consciência e unilateralidade<sup>15</sup>.

É evidente que a educação física e os esportes possuem características básicas da sociedade capitalista sendo fortes reprodutores da concepção hegemônica de trabalho. Motivo suficiente que nos impulsiona a querer reforçar o pensamento crítico sobre esse fato e reforçar a necessidade de entendermos o quanto a educação física/esportes se fazem importantes para forjar um conhecimento transformador, assumindo a oposição ao projeto capitalista, e ao mesmo tempo reconhecermos, “sem máscaras”, o quanto esta área é mantenedora desse projeto ao privilegiar em suas práticas os seus princípios ideológicos, políticos e econômicos. Afinal, é notório para aqueles que estudam, criticamente, a educação física/esporte que esta área nada possui de neutralidade em suas manifestações teóricas e/ou práticas.

---

14. Sobre a relação entre consciência e realidade podemos afirmar que um dos motivos que faz existir a abstração na consciência de homens/mulheres recai ao seu não acesso às atividades intelectuais, daí a dificuldade de perceber a dialética social que vive. Visto tal dificuldade e não esquecendo que as circunstâncias possuem grande poder de determinação sobre a consciência, tem-se portanto uma falsa consciência, ou seja, “não existem idéias simplesmente falsas da realidade, mas uma realidade falseada, invertida, alienada, etc., que provoca a representação ideológica correspondente”, sustenta Enguita (1993, p. 135).

15. Segundo Manacorda (1991), o homem unilateral evidencia-se a partir da divisão do trabalho, pois a divisão do trabalho condiciona a divisão da sociedade em classes e, conseqüentemente, a divisão do homem em relações de trabalho manual e mental. Há assim duas dimensões do homem dividido, cada uma delas de forma unilateral.

Esperamos que nesta breve reflexão tenha sido contemplada a relação que entendemos existir entre a educação física e os esportes e a atividade humana/trabalho, como também tenha ficado demonstrada a importância de pensar sobre essa relação, até mesmo para fomentar a reflexão crítica naqueles professores/pesquisadores/intelectuais que se encontram satisfeitos com o rumo que tem tomado nossa profissão, principalmente a respeito da total subserviência ao que está colocado como *mercado de trabalho*. Precisamos urgentemente olhar por traz da cortina ideológica que constitui a educação física e os esportes e procurar entender que significado tem o trabalho docente para a manutenção das relações sociais vigentes e qual significado pode assumir para a transformação destas relações.

#### TEACHING WORK IN PHYSICAL EDUCATION AND SOCIAL PRACTISE: RELATIONS WITH THE CONCEPTION OF CAPITALIST WORK

*ABSTRACT: This text discusses the teaching work in physical education, based on the social practise that this work (re)produce. Therefore, it presents some questions and conclusions concerning the relation between physical education/sports and the "world of the work", due to the fact that this area of knowledge is related to a historical condition of ideological supports eminently influenced by an hegemonic conception of society, being under the social political interests of a dominant minority.*

*KEY-WORDS: Teaching work; physical education; social practice.*

#### TRABAJO DOCENTE EN LA EDUCACIÓN FÍSICA Y PRÁCTICA SOCIAL: RELACIONES CON EL CONCEPTO DEL TRABAJO DEL CAPITALISTA

*RESUMEN: Este texto busca profundizar la reflexión sobre el trabajo de la enseñanza en la educación física, partiendo de la práctica social que este trabajo [re]produz. Por lo tanto, busca traer algunas preguntas y conclusiones referentes a la educación física/esportes y el mundo del trabajo, ya que esta área del conocimiento está atrelada a una condición histórica de soporte ideológico, eminentemente orientada para la concepción hegemónica de la sociedad, llegando a ser confiable de los intereses políticos sociales de una minoría dominante.*

*PALABRAS CLAVES: Trabajo de la enseñanza; educación física; práctica social.*

## REFERÊNCIAS

- ÁVILA, A. B. *O campo de relações entre cultura e subculturas: circunscrevendo a cultura corporal*. Dissertação (Mestrado) – UFSC, Florianópolis/SC, 2000.
- BRACHT, V. *Educação física e aprendizagem social*. Porto Alegre: Magister, 1992.
- ENGUITA, M. F. *Trabalho, escola e ideologia, Marx e a crítica da educação*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1993.
- GHIRALDELLI, P. J. *Educação física progressista: a pedagogia crítico-social dos conteúdos e a educação física brasileira*. 5. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1994.
- MANACORDA, M. A. *Marx e a pedagogia moderna*. São Paulo: Cortez, 1991.
- MARINHO, I. P. *História da educação física e desportos no Brasil*. Rio de Janeiro: DEF-MES, 1952-1953.
- MELO, V. A. de. *Relação teoria & prática e formação profissional na educação física brasileira: apontamentos na história*. *Motrivência*, ano 7, n. 8, dez. 1995.
- PALAFIX, G. H. M.; Terra, D. V.; Piolo, A. L. *Educação física: uma abordagem histórico-cultural de educação*. *Revista da Educação Física/UEM*, 8(1): 3-9, 1997.
- SILVA, M. R. S. da. *A educação física, o corpo e o movimento humano na perspectiva do mundo do trabalho*. Dissertação (Mestrado) – URGs, Porto Alegre/RS, 1996.
- SOUSA E SILVA, R. V. *Pesquisa em E.F.: determinações históricas e implicações epistemológicas*. Tese (Doutorado) – Campinas, 1997.
- SOUZA, M. da S. *Educação física e racionalidade contraposições na modernidade*. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1999.

Recebido: nov. 2001

Aprovado: dez. 2001

Endereço para correspondência  
Fátima Moraes Garcia  
Rua José Moreira Sobrinho, s/n  
Jequiezinho  
Jequié – Bahia  
CEP 45200-000